

Você é competente?

Como avaliar a Competência Profissional do Intensivista.

Na saúde e para a saúde, as transformações ocorrem desde a forma de organização do trabalho, associada às alterações do perfil epidemiológico e do padrão demográfico de uma população. Nesse contexto, é importante reconhecer as modificações que decorrem da implantação de novas tecnologias, voltadas para uma melhor assistência. Todo esse processo é vivenciado por nós, sem muitas vezes darmos conta da complexidade que engloba a Terapia Intensiva.

No Brasil, tais modificações ocorrem no bojo do processo de consolidação do Sistema Único de Saúde (SUS), com esforços para concretizar os princípios éticos, doutrinários, organizacionais e operativos, no que diz respeito à saúde, definindo-a como um direito de todos e um dever do Estado, cabendo a esse garantir políticas públicas sociais e econômicas que assegurem o bem-estar físico, mental e social da população. Mas como concretizar esses princípios?

Como garantir que seremos cuidadores e um dia cuidados por um profissional competente? Qual é o perfil desejável de um profissional intensivista?

Para responder a essa pergunta, devemos inicialmente nos reportar a formação dos profissionais de saúde, onde as políticas educacionais, tem nas diretrizes curriculares o falso ideal de ofertar uma educação norteada pelo desenvolvimento de competências, que deve estar dirigido à busca da integralidade da atenção à saúde, contribuindo para a formação de um profissional que agregue aptidões para tomada de decisões, comunicação, liderança, gerenciamento e educação permanente, que nada mais é do que a educação desenvolvida através das necessidades de cada serviço.

Com isso, as competências devem ser permeadas pelos conhecimentos, habilidades e atitudes, possibilitando a atuação e a interação multiprofissional para o desenvolvimento do currículo formal e informal, onde as experiências de ensino-aprendizagem, determinadas pelo contexto político, social, cultural e econômico,

garantam uma formação polivalente e voltada para a visão globalizada da realidade, com a atitude contínua de aprender a aprender.

As mudanças conceituais e organizacionais citadas refletem-se, inevitavelmente, no planejamento de processos de educação profissional, evoluindo do “treinamento” para o desenvolvimento coletivo de competências para o trabalho a ser executado, sendo este, para Zarifian (2001), encarado como *“uma seqüência de eventos, de situações singulares, que reagem umas às outras em um regime de modificação da maneira de produzir.”*

Uma fonte de desafios para o profissional intensivista está no que diz respeito ao *ambiente de trabalho*, onde a possibilidade de criar ocupações inovadoras deve ser estimulada. Um outro aspecto a ser considerado é a comunicação, que, na atualidade afigura-se como essencial para o trabalho, na medida em que envolve a construção de um entendimento recíproco e de bases de compromisso, que serão a garantia do sucesso das ações desenvolvidas em conjunto. Já a simples observação do trabalho de qualquer intensivista evidencia um contato permanente deste com situações e acontecimentos diversificados e imprevistos, em sua prática profissional, muitas vezes desenvolvidas em seu próprio ambiente de trabalho, ou seja, através do currículo informal.

Um estudo sobre competência profissional que merece ser revisado, situa-se em um extenso trabalho publicado no JAMA em 2002, onde, Epstein e Hundert abordaram a competência profissional na formação médica, conceituando-a como:

“...o uso habitual e criterioso de comunicação, conhecimento, habilidades técnicas, raciocínio clínico, emoções, valores e reflexão na prática cotidiana, visando o benefício do indivíduo e da comunidade atendida.”

Para os autores, a competência profissional, pode ser desmembrada em sete dimensões, que devem ser desenvolvidas e utilizadas nos problemas da vida real. Sendo elas:

- Cognitiva: Habilidade da comunicação básica; é o aprendendo com experiências.

- Técnica: são as habilidades práticas, como o exame físico realizado diariamente.
- Integrativa: Incorporação clínica, científica e crítica.
- Contexto: é o uso do tempo, a possibilidade de atuar nos diversos cenários de trabalho.
- Relacionamento: habilidades na fala e comunicação, na relação com o paciente e com a equipe.
- Moral/ Afetivo: inteligência emocional, como o respeito frente ao paciente.
- Habilidades Mentais: Observação, curiosidade, capacidade de auto-avaliação.

Com a pretensão de mostrar as particularidades desenvolvidas pelo intensivista, podemos voltá-las para o nosso dia-a-dia.

- **COGNITIVA:** é a capacidade de solucionar problemas e identificar lacunas no próprio conhecimento. Trata-se também da autonomia na construção ativa e na atualização do próprio conhecimento. A dimensão cognitiva encontra-se presente, pois diariamente deparamo-nos com o novo, tanto do ponto de vista do conhecimento técnico-científico, como frente as instabilidades das funções vitais de cada paciente. A equipe em geral e os familiares dependem do conhecimento e do raciocínio imediato dos profissionais envolvidos na dinâmica da UTI para sanar dúvidas e solucionar problemas.

- **TÉCNICA:** refere-se às habilidades profissionais (realização de manobras e procedimentos, utilização de novos aparelhos e materiais). A competência técnica deve ser especialmente desenvolvida, pois em qualquer procedimento, seja de baixa, média ou alta complexidade, percebemos que as competências complementam-se, pois para o desenvolvimento da técnica o profissional deve ter absorvido o julgamento científico, presente na competência integrativa, descrita a seguir.

- **INTEGRATIVA:** é o julgamento científico, clínico e humanístico, inter-relacionando o conhecimento básico ao profissional, bem como a capacidade de lidar com situações de incerteza. A estabilização de parâmetros hemodinâmicos em pacientes na terapia intensiva é um bom exemplo para justificar o desenvolvimento desta competência. Nos cuidados intensivos, a equipe deve estar atenta a uma gama variada de dados, a estes soma-se a necessária atenção

aos familiares. Sendo assim, devemos atuar de forma integrada, com inúmeros fatores determinantes do prognóstico do paciente crítico.

- **CONTEXTUAL:** mostra a capacidade de atuar em diferentes cenários de trabalho e de administrar o tempo. Tempo é vida e na terapia intensiva há uma constante corrida pela vida, onde o tempo é precioso e muitas vezes sem perceber, utilizamo-nos da capacidade contextual para atuar e cuidar dos diferentes pacientes e suas patologias. A equipe é guiada pela prescrição de cuidados e procedimentos onde cada paciente é único, portanto, nenhum pós-operatório de cirurgia cardíaca é igual ao outro, o que requer um direcionamento ao grupo frente aos cuidados.

- **RELACIONAL:** refere-se ao trabalho em equipe e à habilidade de comunicação interpessoal vivenciadas, principalmente em situações de conflito.

Devido à fragilidade humana, o ambiente de UTI é muito estressante, pois o limite entre a vida e a morte são constantes na prática desses profissionais. O estresse e a ansiedade estão incorporados à dura rotina das equipes, porém a precisão dos cuidados é fundamental, o que valoriza o uso da competência relacional.

- **AFETIVO-MORAL:** é definida pela capacidade cuidadora, de tolerância, respeito e responsabilidade individual e social do profissional. Os atributos cuidadores da terapia intensiva vêm sendo descritos há décadas, e ao intensivista compete estimular o cuidado integral. Hoje temos implantado na maioria dos serviços, tanto públicos como privados, a questão custo *versus* qualidade, o que representa um desafio substancial em coordenar cuidados de alto nível de complexidade com a humanização e os princípios éticos.

- **HÁBITOS MENTAIS:** esta dimensão volta-se para a observação da própria prática (auto-avaliação), a atenção sistemática, a curiosidade crítica, bem como o desejo de reconhecer e corrigir os próprios erros. Esta talvez seja a competência mais difícil de ser desenvolvida, considerando-se o grau de maturidade necessária para que o profissional realize, honesta e objetivamente, uma auto-avaliação constante. Trata-se de um exercício, onde prática, perseverança e força de vontade são fundamentais para o reconhecimento e a mudança de hábitos incorporados ao longo de uma vida profissional.

Logo, na terapia intensiva, devemos considerar as margens efetivas de autonomia e inovação que permite, desenvolver os modelos de gestão e a divisão das tarefas existentes no contexto organizativo, que muitas vezes não nos damos conta. Sendo difícil, ainda que possível, avaliar desempenhos individuais, descrever analiticamente e reconhecer, em seu conjunto, uma competência profissional, em cuja construção parecem estar vinculadas tanto à aquisição de escolaridade quanto a processos de aprendizagem informais, que ocorrem em momentos e espaços distintos.

Por isso, a competência é sempre caracterizada de um saber com o qual se opera com uma especificidade (Winograd 1988) tipicamente humana, não assimilável por nenhuma máquina, por mais sofisticada que seja. Portanto, a competência resulta, assim definida, pela capacidade de enfrentar incertezas mediante prestações construídas de momento em momento, antecipadamente segundo um esquema de “*job-skills*”, o que torna necessário repensar o papel de cada profissional na terapia intensiva, sobre a noção de experiência de trabalho, pesquisa, experimentação e relações sociais, buscando como benefício nossa constante luta: a recuperação do paciente crítico.

Enf^a Renata Andréa Pietro P. Viana

Presidente do Departamento de Enfermagem AMIB

Chefe do Serviço de Terapia Intensiva do HSPE-SP